

CASA ROCHA POMBO: OS HÁBITOS ALIMENTARES EM MORRETES - PR ENTRE OS SÉC. XIX E XX SOB UM OLHAR ZOOARQUEOLÓGICO

Manoel Ramos Junior¹

Beatriz Brito Bandeira²

Tatiana Costa Fernandes³

Resumo

A Casa Rocha Pombo é um bem tombado pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná que no ano de 2011 passou por obras de restauro interno, entre estas a troca do assoalho. Naquele momento foram realizadas intervenções arqueológicas a fim de verificar o potencial arqueológico local e com isso levantar pontos sobre a vida cotidiana no município de Morretes entre os Séculos XIX e XX. Este trabalho aborda o registro faunístico coletado durante a referente pesquisa. Foram coletados 90 vestígios faunísticos: 6 exemplares da família Ostreidae, 1 da família Ariidae, 8 da ordem Anura, 2 da família Phasianidae, 2 da família Suidae e 33 da família Bovidae. Os 38 vestígios faunísticos restantes tratam-se de pequenos fragmentos ósseos com características semelhantes à família Bovidae. Os vestígios arqueológicos encontrados estavam concentrados em duas áreas distintas, no entanto, a diversidade faunística distribuiu-se homogeneamente tanto em espacialidade horizontal quanto vertical, não havendo variabilidade entre as concentrações. Portanto, a discussão recai sobre o remanescente bovino, sendo este o grupo de maior representatividade. O consumo de carne bovina é típico no litoral paranaense, em especial Morretes, por ser o principal ingrediente no prato Barreado, que tem raízes nos imigrantes açorianos.

Palavra-chave: zooarqueologia, carne bovina, Barreado.

Abstract

Casa Rocha Pombo is a historical heritage site registered by the State Office for Culture of the State of Paraná (Secretaria da Cultura do Estado do Paraná), that in 2011 had an internal restoration's repairs, among these floor switching. At that time were made archaeological interventions in order of verifying the local archaeological potential and with that raise information about the daily life in the city of Morretes between the XIXth and XXth centuries. This work approaches the faunal remain collected during the related research. It were collected 90 faunal vestiges: 6 exemplar of the Ostreidae family, 1 of the Ariidae family, 8 of the Anura order, 2 of the Phasianidae family, 2 of the Suidae family and 33 of the Bovidae family. The 38 remainder faunal vestiges happen to be little osseous fragments with similar features to the Bovidae family. The archaeological vestiges found were concentrated in two different areas, however, the faunal diversity was evenly distributed both in horizontal spatiality and vertical, not having variability between the concentrations. Therefore, the discussion focuses on the

¹ PPG em Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

² Preservar Arqueologia e Patrimônio.

³ Preservar Arqueologia e Patrimônio. E-mail: tatiana@preservararqueologia.com.br.

bovine remain, being this group the one with the biggest representativeness. Bovine meat consumption is typical in the Paraná State seacoast, especially Morretes, as it is the main ingredient of Barreado dish, which has roots in the Azorean immigrants.

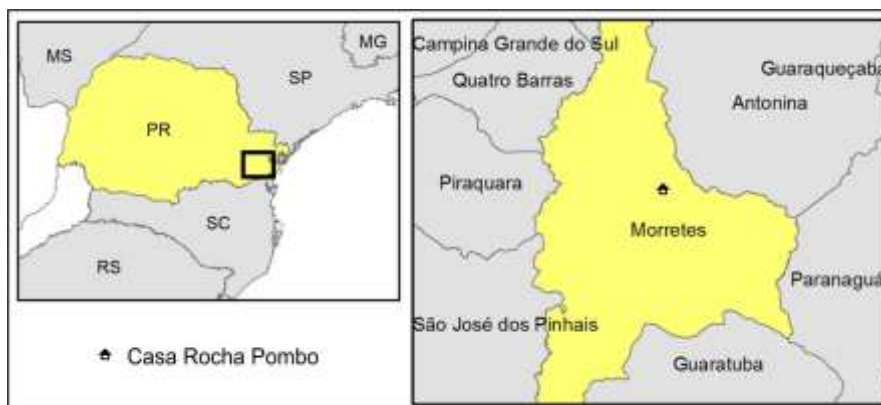
Keyword: zooarchaeology, beef, Barreado.

INTRODUÇÃO

O município de Morretes, localizado as margens do Rio Nhundiaquara, entre o primeiro planalto e o litoral paranaense, teve relevante destaque histórico durante o ciclo do mate a partir de meados do Séc. XVIII, quando ainda era território da Vila de Paranaguá. A população de Morretes, assim como de todo o litoral, teve grande diversidade em sua formação. Paulistas e seus escravos foram os primeiros a chegar, podendo ainda ter incorporado membros indígenas à sua população, mas não há indicações disso na bibliografia. Portugueses também foram numerosos na região, assim como demais europeus no período tardio (WEBER, 2009).

Entre o alto da serra do mar e o porto de Paranaguá, um longo e difícil trajeto se delineava. O meio mais fácil de transporte de mercadorias era pelo Rio Cubatão, também conhecido por Nhundiaquara. Ponto de passagem dos mercadores de mate que seguiam para o porto, o município serviu também de pouso para mercadores de gado, ambos vindos do planalto curitibano (SCHMIDLIN, 2009). E foi nesse contexto de rotas comerciais durante o Séc. XIX que a atual Casa Rocha Pombo foi construída (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização do município de Morretes e da Casa Rocha Pombo UTM 22J 717900E 7180584S.



Fonte: Municípios (ITCG), 2011.

A Casa Rocha Pombo é um bem tombado pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná. Esta casa foi inicialmente ocupada por diferentes famílias morretianas do período áureo do município, decorrente do ciclo do mate. No início do Século XX ali morou o Cel. Rômulo José Pereira com sua família, o qual chegou ao município para apoiar o desenvolvimento local prejudicado pelo desvio do fluxo comercial para o porto de Antonina. Em seguida, o edifício se torna a sede dos correios e telégrafos e logo, em 1957, ela foi doada ao município, se transformando num centro cultural municipal. Nos últimos 20 anos ela permaneceu fechada. No ano de 2011 esta casa passou por obras de restauro interno, entre estas a troca do assoalho. Naquele momento foram então realizadas intervenções arqueológicas a fim de verificar o potencial arqueológico local. Entre os vestígios encontrados estavam algumas conchas esmigalhadas, fragmentos ósseos e dentes de animais.

A análise de vestígios faunísticos utilizados por sociedades pretéritas vem apoiando cada vez mais nas interpretações arqueológicas. Usando o remanescente faunístico é possível reconstruir uma parcela significativa do comportamento das sociedades envolvidas na formação dos sítios arqueológicos, assim como possibilita estimar a importância e a representatividade de determinado grupo animal em um contexto cultural através da variabilidade encontrada (KLEIN; CRUZ-URIBE, 1984).

Na Arqueologia Histórica, o estudo de remanescentes faunísticos não gerou resultados relevantes para a interpretação do contexto arqueológico até meados da década de 1970 (JOLLEY, 1983). A partir da década de 1980 as metodologias de escavação começaram a atender as necessidades de coleta do registro faunístico, assim como os métodos de análise zooarqueológica ficaram mais criteriosos com o aprimoramento nas identificações e testes estatísticos (REITZ; HONERKAMP, 1983; PRICE, 1985; LYMAN, 1987). O artigo produzido por Jolley em 1983, além de retratar o panorama momentâneo da zooarqueologia histórica norte americana, aponta claramente como a análise de padrões de corte, idade de morte dos animais, tamanho dos fragmentos ósseos e a variabilidade intra e intersítios do remanescente faunístico podem carregar importantes informações sobre padrões de uso e a relação social estabelecida com os animais. As abordagens de estudo utilizando o registro faunístico na Arqueologia Histórica diversificam-se. No contexto brasileiro, a Zooarqueologia

Histórica vem desenvolvendo estudos que retratam tanto meios de ocupação rural como de ocupação urbana, levantando os diferentes hábitos alimentares encontrados nestes dois espaços de habitação (NOBRE, 2004, 2011). Um dos primeiros trabalhos no Brasil a resgatar e explicar sobre os vestígios zooarqueológicos foi realizado no Rio Grande do Sul, com as escavações da Estância Velha do Jarau iniciada em 1997 e com outros campos subsequentes até 2006 (TOLEDO, 2011). A análise espacial dos vestígios encontrados, incluindo a arqueofauna, indicou haver diferentes áreas de uso, incluindo uma possível cozinha. Já a tese de doutorado de Nobre (2011) que abordou com exclusividade o material faunístico exumado da Estância Velha do Jarau, explica sobre o consumo e preparo da carne de gado, visto a expressividade que os fragmentos ósseos de bovinos apresentaram. No entanto, suas conclusões apontam para hábitos alimentares diversificados, incluindo galinha, porco, e em diferentes formas de preparo, como cozidos e frituras.

Buscando contribuir significativamente com o conhecimento dos costumes alimentares pretéritos no litoral do estado do Paraná, este trabalho trata de explicar sobre o registro faunístico coletado durante as escavações na Casa Rocha Pombo, buscando levantar pontos sobre a vida cotidiana no centro urbano do município de Morretes entre os Séc. XIX e XX.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido a partir dos resultados obtidos no *Projeto de Prospecção Interventiva e Monitoramento Arqueológico nas áreas de intervenção das Obras de Restauro na Casa Rocha Pombo, Morretes – PR*, sob a responsabilidade da Preservar Arqueologia e Patrimônio e desenvolvido entre os anos 2011 e 2012.

As pesquisas contaram com levantamento histórico, através de bibliografias com informações secundárias, fontes primárias (documentos e jornais da metade do século XIX a início do século XX), consulta ao Arquivo Público do Paraná, Secretaria do Estado da Cultura em Curitiba e Instituto Mirtillo Trombini em Morretes, e ainda recorreu-se a entrevistas com moradores locais. Em conjunto e sequencialmente houve a prospecção em subsuperfície nas dependências internas da casa, análise do material faunístico recuperado e da distribuição espacial do mesmo.

A Casa Rocha Pombo é formada por um pavimento construído em alvenaria mista (pedra e tijolos) em meio à área ajardinada cercada por muro com gradil de ferro (Figura 2).

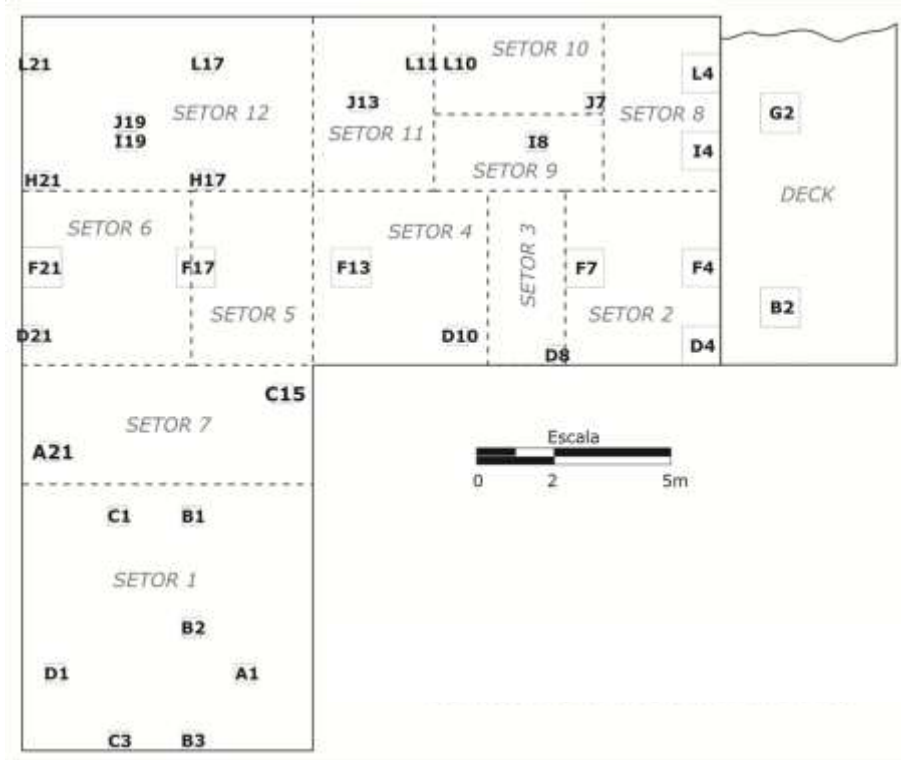
Figura 2: Vista da Casa Rocha Pombo com frente para o Largo Dr. José Pereira.



Fonte: Autores.

As escavações focaram o interior do edifício, o qual foi dividido em 13 Setores conforme cada cômodo. Estendeu-se malha de quadriculamento de um metro onde foram selecionadas 33 quadrículas para amostragem. Algumas quadrículas tiveram apenas $\frac{1}{4}$ de sua área escavada, ou seja, 0,5x0,5m (Figura 3). A profundidade de escavação variou entre 0,5m e 1,0m. O rebaixamento deu-se através da técnica por níveis arbitrários de 10cm e o registro dos vestígios consorciou esta técnica com o reconhecimento das fácies estratigráficas, as quais se referem as camadas e/ou estruturas deposicionais definidas pela diferenciação de cor, textura e composição observáveis em campo (KIPNIS, 2003). Os perfis estratigráficos das quadrículas escavadas foram desenhados em papel milimetrado e posteriormente digitalizados para análise comparada.

Figura 3: Quadrículas escavadas durante obras de restauro na Casa Rocha Pombo, Morretes – PR.



Fonte: Autores.

Ao fim das escavações a arqueofauna atingiu 15,6% da amostra (Tabela 1). Os vestígios faunísticos foram então enviados para limpeza e análise ao LABARQ – Laboratório de Arqueologia e Antropologia das Técnicas do Centro Politécnico da UFPR. Com o material já catalogado, montou-se um banco de dados com os seguintes dados: número do catálogo, descrição/identificação, setor, quadra, nível de profundidade, camada arqueológica, dimensão do eixo maior, grau de integridade, porção anatômica, presença de marcas de processamento, grau de intemperismo ósseo, identificação taxonômica e nome popular.

Tabela 1: Materiais arqueológicos coletados na Casa Rocha Pombo, Morretes – PR.

Material	Abundância	Percentual
Cerâmica	184	31,89
Louça	177	30,67
Vidro	115	19,93
Fauna	90	15,60
Metal	11	1,91
Total	577	100,00

As identificações anatômicas e taxonômicas foram obtidas através de coleção de referência e de imagens de sites especializados (ANATOMIA, 2004; LABORATÓRIO, 2013). Para a identificação dos estágios de intemperismo ósseo, ligados aos efeitos tafonômicos, utilizou-se das definições propostas por Behrensmeyer (1978 apud LYMAN, 2008), com pequenas adaptações como apresentado no Quadro 1. Para categorização das marcas existentes nos ossos foram adaptadas algumas categorias, conforme a análise do material, baseadas nas definições utilizadas por Crader (1990), Landon (1996) e Castilho e Simões-Lopes (2005), sendo consideradas por fim as categorias: corte, percussão com lâmina, serrado, quebra, polimento e roedor.

Quadro 1: Estágios de intemperismo ósseo sobre vestígios arqueofaunísticos.

Estágio	Descrição
0	Sem rachaduras nem escamações; com aspecto gorduroso e podendo ter marcas de ligamentos de tecido.
1	Craqueamento (manchas) longitudinal; superfícies articulares com pequenas rachaduras em mosaico; linhas de divisão começando a se formar.
2	Descamação da superfície externa (esfoliação inicial); rachaduras podem estar presentes com bordas angulares.
3	Partes compactas do osso tornam-se ásperas, de textura fibrosa; intemperismo penetra de 1~1,5mm; rachaduras presentes com bordas arredondadas.
4	Grosseiramente rugoso; lascas soltam-se com facilidade; rachaduras abertas com intemperismo penetrando em todo osso
5	Muito frágil, despedaçando-se em lascas grandes e pó

Fonte: adaptado de Lyman, 2008, p. 267.

RESULTADOS

Depois de analisar os perfis estratigráficos dos 32 poços-teste foi considerada a ocorrência de 3 pacotes de deposição arqueológica sobre a camada sedimentológica local (D), de textura argilosa, coloração marrom e bem compacta. O pacote deposicional basal (C) é formado por sedimento areno argiloso orgânico marrom escuro com abundante presença de fragmentos de carvão. O segundo pacote deposicional (B) é composto por sedimento argilo arenoso de cor marrom com presença de carvão em menor quantidade e de forma não homogênea. E o pacote superficial (A) apresenta sedimento argiloso marrom claro com presença de argamassa (Figura 4). O conjunto de materiais arqueológicos encontrados (cerâmica, louça, vidro, metal) sugere diferentes

períodos para as diferentes camadas deposicionais, sendo, primeira metade do Século XIX para a camada basal (C), segunda metade do Século XIX para a camada intermediária (B) e primeira metade do Século XX para a camada superficial (A).

Figura 4: Na foto à esquerda, visualização em perfil das camadas deposicionais A, B e C e na foto à direita, visualização em superfície escavada das camadas deposicionais C e D.



Fonte: Autores.

Dentre os materiais arqueológicos recuperados, foram coletados 90 vestígios faunísticos classificados em seis categorias zoológicas, como apresentado na Tabela 2. Apesar do grau de integridade óssea verificado ser <25% para 84% das peças, a classificação do remanescente faunístico não foi prejudicada devido a preservação de elementos de identificação⁴ nas peças, os quais puderam ser comparados com coleção e/ou imagem de referência.

⁴ Tais elementos que possibilitam a identificação e classificação dos vestígios faunísticos são: pontos de incisão muscular, forames, sulcos, processos, articulações, ângulos e linhas da formação óssea, estrutura do tecido ósseo, etc..

Tabela 2: Diversidade arqueofaunística coletada e relacionada às camadas de ocorrência arqueológica da Casa Rocha Pombo, Morretes – PR.

Categoria zoológica	Peças anatômica identificadas	Camada de ocorrência	Abundância	Percentual
Mamífero terrestre	fragmentos, utensílio	A, B, C	38	42,23
Bovino	tíbia, calcâneo, dente, costela, vértebra, ulna, pélvis, carpo, tarso, ossos longos	A, B, C	33	36,67
Anfíbio	escápula, fêmur, ílio, tibiofíbula, crânio, vert. sacral	A	8	8,88
Ostra	valva	A, B, C	6*	6,66
Ave	osso longo	C	2	2,22
Suíno	costela	C	2	2,22
Peixe ósseo	osso frontal	C	1	1,11
Total			90	100,00

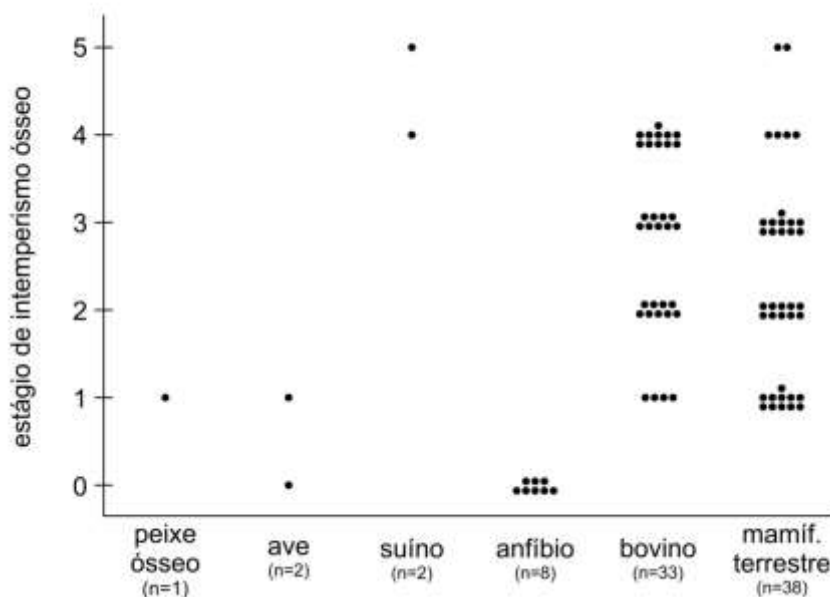
*número amostrado

Primeiramente, avaliando a ocorrência da categoria *anfíbio*, possível anuro, acredita-se corresponder a um indivíduo de deposição não arqueológica, visto que os oito vestígios encontrados estavam concentrados no nível superficial da quadra D8, Setor 3, e em estágio zero de intemperismo.

Ao comparar a ocorrência dos vestígios faunísticos com os horizontes deposicionais, os resultados apontam a camada arqueológica C como a de maior diversidade zoológica. Contudo, ao considerar-se os vestígios coletados de *ave*, *suíno* e *peixe ósseo*, todos presentes apenas na camada C, estes equivalem a 5,55% da amostra total. Este valor pode indicar baixa representatividade ou ainda uma maior ação tafonômica sobre os vestígios de tais categorias zoológicas. Sobre os resultados tafonômicos, nos ossos de *ave* e *peixe ósseo* o intemperismo verificado ficou entre os estágios 0 e 1. Já nos ossos de *suíno*, o intemperismo ficou entre os estágios 4 e 5. No entanto, como para muitos dos ossos da categoria *bovino*, de maior ocorrência, o intemperismo chegou aos estágios 3 e 4, possivelmente não foram os efeitos tafonômicos os responsáveis por camuflar de forma diferencial a presença arqueológica das categorias *peixe ósseo*, *ave* e *suíno* (Figura 5).

Se referindo ao remanescente conchífero coletado, apesar de somar 6,66% da amostra, foi verificado em diferentes concentrações na forma esmigalhada entre a camada C. Portanto, sua real presença deve ser considerada com maior representatividade nessa camada, ainda que não se pode estimá-la com maior precisão.

Figura 5: Gráfico apontando o estado tafonômico por vestígio arqueofaunístico.



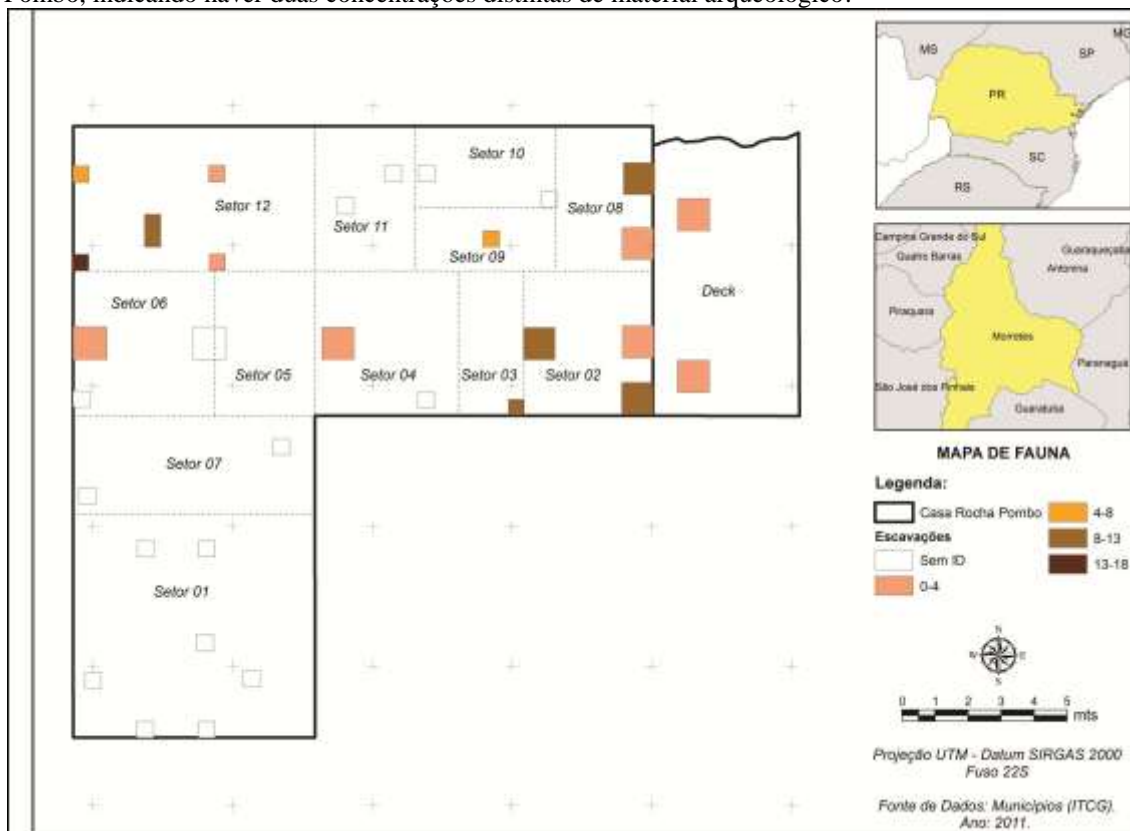
Fonte: Autores.

Referindo-se a amostragem, a categoria zoológica com destaque entre as 3 camadas arqueológicas refere-se a categoria *bovino*, com 33 peças. Este número poderia ser ainda maior caso fosse somado a esta os 38 vestígios classificados na categoria *mamífero terrestre*, o que alcançaria 78,9% dos vestígios amostrados. Tal colocação deve-se a semelhança da estrutura óssea destes 38 vestígios com os de *bovino*. Contudo, devido as pequenas dimensões destes fragmentos, os processos tafonômicos envolvidos e a pequena presença de outros elementos diagnósticos limitou-se a identificação dentro da categoria *mamífero terrestre*.

Dentre as peças coletadas foi identificado ainda um cabo de utensílio feito em osso polido, aparentemente bovino, que se assemelha ao de talheres, inclusive apresentando em uma de suas extremidades um orifício contendo vestígios de metal oxidado.

Ao analisar-se a distribuição espacial do registro faunístico, assim como dos demais registros, as evidências indicam haver duas áreas de concentração de material arqueológico. Uma à oeste da casa, adensando no Setor 12 e outra concentração à leste, adensando nos setores 2 e 8 (Figura 6). Estas duas concentrações podem tanto ser diferentes áreas de descarte da casa como também possuir materiais de descarte anterior a construção da edificação hoje chamada Casa Rocha Pombo.

Figura 6: Distribuição das ocorrências faunísticas recuperadas das quadras escavadas na Casa Rocha Pombo, indicando haver duas concentrações distintas de material arqueológico.

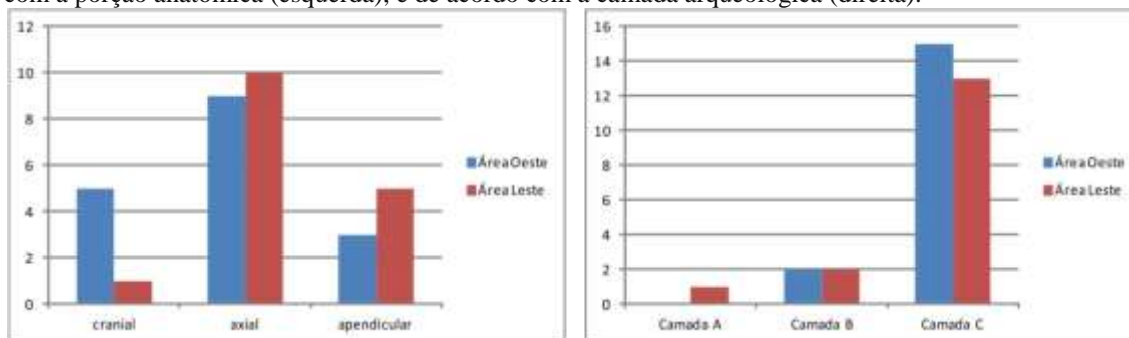


Fonte: Autores.

Com a considerável relevância dos vestígios da categoria *bovino*, as análises seguintes sobre a dispersão do material recaem sobre estes. Primeiramente buscou-se verificar a variabilidade de fragmentos ósseos referentes a diferentes porções de aproveitamento do animal, avaliando-se assim as categorias esqueleto axial, esqueleto apendicular e esqueleto cranial⁵ de *bovino*, tanto entre áreas de concentração como entre camadas deposicionais. Como pode-se observar na Figura 7, em ambas as áreas de concentração os vestígios ósseos da porção axial sobressaem aos demais. Da mesma forma, em ambas as áreas a camada C é a que possui maior densidade de vestígios da categoria *bovino*. Portanto, as duas áreas de concentração de arqueofauna assemelham-se em termos de deposição de material da categoria *bovino*.

⁵ Os vestígios da porção cranial são representados por dentes inteiros ou fragmentados.

Figura 7: Gráficos de abundância de vestígios da categoria *bovino* por área de concentração de acordo com a porção anatômica (esquerda), e de acordo com a camada arqueológica (direita).



Fonte: Autores.

Por fim, os resultados obtidos sobre as marcas existentes no remanescente *bovino* e *mamífero terrestre* apontam para diferentes categorias de processamento, sugerindo que os recursos eram trabalhados de diferentes formas, sobre o uso de diferentes ferramentas (Tabela 3). A diversidade de marcas distribuiu-se similarmente entre as duas áreas de concentração e também entre as camadas arqueológicas B e C. Foi evidenciado apenas um registro de quebra para a camada A. Neste sentido, os resultados indicam não haver diferenciação no processamento de carnes entre as diferentes áreas de deposição e nem entre os diferentes períodos de deposição. No entanto, observa-se que, entre os elementos ósseos identificados, em *costela* as marcas de corte e quebra são mais frequentes (Figura 8).

Foram evidenciados ainda duas marcas decorrentes de bioturbação por roedores, uma em costela e outra em uma tíbia.

Tabela 3: Elementos ósseos e respectivas marcas identificadas entre as categorias *bovino* e *mamífero terrestre*.

Porção Anatômica	Elemento ósseo	Abundância	Marcas de processamento				Total
			Corte	Serrado	Quebra	Percussão com lâmina	
Esqueleto Axial	Osso Pelve	01	01	-	-	-	01
	Costela	16	04	02	05	02	13
	Vértebra	04	01	-	-	-	01
	Frag. osso axial	04	-	-	-	-	-
Esqueleto Apendicular	Calcâneo	01	01*	-	01*	-	02
	Carpó/tarso	01	-	01	-	-	01
	Tíbia	02	-	-	-	-	-
	Ulna	01	-	-	-	-	-
	Frag. osso longo	10	01	01	02	-	04
Crânio	Dente	07	-	-	-	-	-
	Fragmento	23	01	01	05	-	07
Total		70**	09	05	13	02	29**

*marcas identificadas sobre a mesma peça

** a peça correspondente ao instrumento polido não está contabilizada

Figura 8: Fragmentos de costela em diferentes estágios de intemperismo e apresentando diferentes marcas.



Fonte: Autores.

DISCUSSÃO

A fim de estudos arqueológicos, de acordo com o projeto interventivo em questão, a ocupação da Casa Rocha Pombo pode ser dividida em três momentos: um inicial referente a primeira metade do Séc. XIX, seguido pelo horizonte da segunda

metade do Séc. XIX e finalizando com o horizonte deposicional da primeira metade do Séc. XX. Entre os fragmentos de louça amostrados identificaram-se alguns referentes ao final do Séc. XVIII, o que poderia apontar para o uso do espaço anterior a construção da Casa Rocha Pombo, ou que a edificação tivera sido construída ainda no Séc. XVIII, já que as fontes documentais não são precisas sobre a data de construção da casa que apontam para o Séc. XIX (LYRA et al., 2006, p. 292). Contudo, a quantidade de fragmentos de louça do Séc. XVIII é pequena para afirmar tal colocação (BANDEIRA et al., 2012).

Ao analisarmos os vestígios faunísticos encontrados nos diferentes horizontes ocupacionais, percebemos que durante a primeira metade do Séc. XIX existiu um alto consumo de carne de gado quando comparado com os registros ósseos de outros animais. Os resultados apontam que se os efeitos tafonômicos destruíram parte dos vestígios ósseos, isso provavelmente ocorreu sobre todas as categorias identificadas, o que não interferiria na relação de proporções de abundância entre os recursos animais. Todavia, deve-se considerar que alguns recursos animais poderiam chegar a casa já processados, sem ossos, como no caso do toicinho de porco, citado por Crader (1990, p. 713) como “bacon factor”, o que tornaria arqueologicamente invisíveis carnes consumidas pelos habitantes da Casa Rocha Pombo. Tal consideração pode conduzir a interpretação dos horizontes da segunda metade do Séc. XIX e início do Séc. XX quando questionados sobre o consumo de carnes, visto que nos pacotes deposicionais referentes são encontrados pouquíssimos vestígios ósseos.

Apesar de os registros arqueológicos dispersos pelo piso interior da Casa Rocha Pombo apresentarem-se sobre dois pontos de concentração, estes são equivalentes a respeito do descarte de ossos bovinos, tanto na relevância de peças do esqueleto axial como em maior abundância na camada C. Entre a porção mais aproveitada do esqueleto axial estão as costelas, as quais também apresentaram número maior de marcas de descarte, desarticulação e quebras. Tais marcas referem-se tanto ao processo de descarte como a redução do tamanho dos ossos para que caibam na panela. Em suas pesquisas arqueológicas com a arqueofauna da Estância Velha do Jarau, Nobre (2011) identificou fragmentos de costela contendo várias marcas de corte, quebra e atoramento. De acordo com a pesquisadora, partes da carne de costela compõem o corte do peito,

carne de segunda para preparo de cozidos, refogados ou assados com molho na panela, sendo que exigem um tempo de preparo longo para amaciar as fibras.

No litoral do Paraná, a carne de gado é o ingrediente principal para o preparo do Barreado, prato típico que tem como característica o cozimento prolongado utilizando-se principalmente de carnes de segunda. A versão mais aceita para a origem deste prato é de que filhos de portugueses com índios conheceram os guisados portugueses nas casas dos patrões e reproduziram, com adaptações, este preparo (VIANA, 1976 apud GIMENES, 2011). Até meados do Séc. XX o Barreado era feito exclusivamente em panelas cerâmicas com tampa vedada por uma massa de cinza e/ou farinha de mandioca, o que objetiva uma função similar a da panela de pressão. Nos levantamentos realizados por Gimenes (2011) em sua Tese de doutorado, a pesquisadora coloca que inicialmente as carnes utilizadas no Barreado eram de segunda, estando entre estas o peito, patinho e matambre (porção de carne de costela). Isto derivava tanto das limitações financeiras dos caboclos como da resistência das carnes duras no cozimento prolongado. O toicinho de porco também é relacionado como ingrediente indispensável. Gimenes coloca ainda que com o passar do tempo ocorreram adaptações nos ingredientes, incluindo o uso de diferentes peças de carne sem osso, gerando diferentes versões familiares do Barreado, prato comum nas casas morretianas no início do Séc. XX.

Ao interpretarmos a ocorrência dos vestígios faunísticos entre os três horizontes deposicionais na Casa Rocha Pombo, uma das inferências possíveis é de que houve ao passar dos anos a mudança no uso de carnes de segunda com osso para carnes sem osso, o que corresponderia a baixa ocorrência de ossos nos dois horizontes mais recentes. Podemos assim dizer que o sítio arqueológico Casa Rocha Pombo guarda informações relevantes para o conhecimento dos costumes alimentares entre os Séc. XIX e XX no centro urbano de Morretes, com possibilidade ainda de se tratar de indícios materiais do preparo do Barreado, prato de importância histórica e cultural para o litoral paranaense.

Até o momento o remanescente cerâmico da Casa Rocha Pombo não foi analisado em detalhe. Futura análise do material faunístico em conjunto com o material cerâmico poderá contribuir para a discussão do preparo de alimentos. Afinal, *não há Barreado sem panela de barro*.

Agradecimentos

Um muito obrigado ao Professor Luis Cláudio Symanski pelo referencial bibliográfico disponibilizado e apoio indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa e a Andreia Ayumi Fantan Une pelo apoio na produção dos mapas.

Referências

ANATOMIA Veterinária UFMG. **Estudo dirigido: imagens** osteologia. 2004. Disponível: <<http://www.icb.ufmg.br/mor/mof007/estudo/imagens/Osteologia/osteologia.htm>>. Acesso em: 02 de nov. 2012.

BANDEIRA, B. B.; FERNANDES, T. C.; RAMOS JUNIOR, M. Análise do material exumado da Casa Rocha Pombo. In: **Encontro da SAB Sul**, 8, 2012, Curitiba. (aguardando publicação).

CASTILHO, P. V.; SIMÕES-LOPES, P. C. A capivara, *Hydrochoerus hydrochaeris* (Mammalia, Rodentia), no sítio arqueológico SC-PRV-02, Ilha de Santa Catarina – Santa Catarina. **Biotemas**, v. 18, n. 2, p. 203-218, 2005.

CRADER, D. C. Slave Diet at Monticello. **American Antiquity**, v. 55, n. 4, p. 690-717, 1990.

GIMENES, M. H. S. G. Barreado: Sabor História e Cultura no Litoral Paranaense. **História: questões e debates**, n. 54, p. 159-192, 2011.

JOLLEY, R. L. North American Historic Sites Zooarchaeology. **Historical Archaeology**, v. 17, p. 64-79, 1983.

KIPNIS, R. **Protocolo de Campo: Escavação**. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos. Departamento de Biologia. Instituto de Biociências. Universidade de São Paulo, 2003.

KLEIN, R. G.; CRUZ-URIBE, K. 1984. **The analysis of animal bones from archaeological sites**. The University of Chicago Press, Chicago, USA, 249p.

LABORATORIO de Arqueologia, Universidade del Mar del Plata. **Banco de Imagens: huesos modificados de origen arqueológico**. Disponível: <<http://www.oseoalterado.com.ar/index.php>>. Acesso em: 02 de nov. 2012.

LANDON, D. B. Patterning and Interpretation of Butchery Marks. **Historical Archaeology**, v. 30, n. 1, p. 58-95, 1996.

LYMAN, R. L. On Zooarchaeological Measures of Socioeconomic Position and Cost-Efficient Meat Purchases. **Historical Archaeology**, v. 21, p. 58-66, 1987.

_____. **Quantitative Paleozoology**. Cambridge University Press, São Paulo, Brasil, 2008. 348p.

LYRA, C. I. C. O.; PARCHEN, R. C. A.; LA PASTINA, J.; PARANÁ, Secretaria de Estado da Cultura. **Espirais do Tempo: bens tombados do Paraná**. Imprensa Oficial: Curitiba, 2006. 440p.

NOBRE, C. K. Projeto de Salvamento Arqueológico da Zona Urbana de Pelotas / RS: Catálogo do material arqueofaunístico do sítio *Casa 08*. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 1, n. 1, p. 59-79, 2004.

_____. **Ar livre e carne em abundância**: um estudo histórico-cultural do gaúcho e sua alimentação no Séc. XIX. 176f. Dissertação (Mestrado em História e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2011.

PRICE, C. R. Patterns of Cultural Behavior and Intra-site Faunal Distributions. **Historical Archaeology**, v. 19, p. 40-56, 1985.

REITZ, E; HONERKAMP, N. British Colonial Subsistence Strategy on the Southeastern Coastal Plain. **Historical Archaeology**, v. 17, p. 4-26, 1983.

SCHMIDLIN, H. P. Trilhas, Caminhos e Estradas no Paraná: séculos XVI a XIX. **Cadernos Paraná da Gente**, n. 7, 2009.

TOLEDO, G. T. **A pesquisa arqueológica na Estância Velha do Jarau e os museus da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul – interfaces entre patrimônio, memória e identidade**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

WEBER, S. A. **Além do Cativoiro**: A congregação de escravos e senhores na Irmandade do Glorioso São Benedito da vila de Morretes. Século XIX. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2009.